

## De H-AL para dObra[s]

Curitiba, 13 de abril de 2021.

Olá, Maria Claudia, Valéria e todes leitoras/es/xs da revista **dObra[s]**,

foi com muita honra que recebemos o convite para ilustrar esta edição. Separamos algum material que nos enche os olhos – algumas imagens já foram amplamente divulgadas e outras estão sendo mostradas pela primeira vez (resgatadas de arquivos e que, agora, vistas à distância, fazem sentido no caminho que percorremos) e todas elas referem-se ao corpo. Seria leviano atrelar o vestuário ao corpo como narrativa curatorial, mas, nas fotos aqui apresentadas, nós não buscamos vestir o corpo, pois gostamos dele nu, mas nos utilizamos do corpo como suporte para a nossa obra têxtil.

Em uma edição que exalta a sustentabilidade e um novo olhar sobre a cultura de moda, queremos contar um pouquinho que, desde 2007, quando, naquela temporada, começamos a costurar efetivamente, a sustentabilidade sempre foi a locomotiva da história toda – mas não como um diferencial (pensamos que respeitar o ambiente onde vivemos, o oxigênio que respiramos, a água que bebemos e a terra que nos dá o que comer, bem como nossos irmãos e irmãs nessa nave), pois não é mais do que obrigação e princípio de qualquer produção não deixar o lugar pior do que quando o encontrou (é bobo quando se transcreve como diferencial um ponto de educação básica). E também a preocupação ambiental é uma forma de vida. Na nossa produção está refletida a maneira como vivemos, não é algo que se pesca como convém e se usa no marketing para promoção, mas vivemos em harmonia e o resultado do trabalho transpira as bases em que ele foi feito.

Já tem algum tempo que optamos por parar de comprar tecido como matéria-prima e passamos a receber o rejeito de outras confecções, e, com esse recurso, abrimos a possibilidade de contratar outras pessoas para emendar esses retalhos, capacitando novos profissionais, trabalhando a autoestima e a independência financeira de mais pessoas e apresentando um resultado de peças únicas com tecidos exclusivos, reaproveitados, ecológicos, inesperados – e, nesse período de isolamento, o processo está sendo feito à distância e fortalecendo ainda mais a ideia de economia circular (sistema no qual o resíduo de uma empresa vira a nossa matéria-prima e gera outros postos de trabalho; o capital circula em mais mãos e propõe variadas possibilidades, trocas e interações, abrindo conversas e sorrisos).

A produção da matéria-prima é apenas um dos pilares da H-AL, talvez o único prático, mas o que nos movimenta nesse ofício, e o que brota naturalmente, é o fato de contarmos histórias a partir da vestimenta, tanto colocando luz em assuntos que brilham nossos olhos, quanto apontando descontentamentos, ressaltando felicidades, lendo, escrevendo, fomentando e projetando poesia: letras em sequência com tom sublime, ritmo musicalizado de palavras doces, rasgos de beleza brotados por expressões corriqueiras, vislumbres de verbetes idealizados, inventados, contemplados, experienciados.... A gente se vale da roupa como suporte para uma expressão artística. Nossa roupa é nossa tela. Nossa roupa

se expressa em performance, nossa roupa acompanha estrelas no palco, sacerdotisas em seus templos. Quando pensamos o espetáculo, a roupa não é o figurino, mas a personagem. É para ela que a luz é afinada e é sobre ela a música. A roupa é mais uma na equipe, é nosso instrumento e nosso canto.

Nesse segundo ano de pandemia, estamos completando 14 anos de marca e prosseguimos nos vieses que o isolamento social reforçou: a base autoral, independentes, lixo zero – pilares sempre inegociáveis nesse percurso. Fechamos a loja no meio de março de 2020, quando descobrimos que estávamos grávidos do Narciso. Depois de uma visita ao médico, paramos em uma lanchonete para respirar e pensar na nova realidade que se desdobrava para nós. A televisão estava ligada e por um momento esquecemos a gravidez: não tínhamos TV em casa e não sabíamos até então que um caos se instaurava no planeta. Transformamos a varanda de nossa morada em ateliê e aprendemos a trabalhar com delivery e a alimentar uma loja virtual. Aprendemos, e desejamos esquecer depois, marketing para redes sociais e continuamos o que já exercitávamos: trabalhar com o que temos em mãos, comer a comida da estação, viver com apenas o necessário e exteriorizar na roupa tudo o que acontece no nosso coração.

A foto 1 [as fotos estão espalhadas aleatoriamente pela revista, mas, na sessão *Galeria*, elas seguem uma ordem. A nomenclatura *foto 1* refere-se à numeração na *Galeria*] é de *vidavideogame*, quando descobrimos o cinema expandido. Em 2016, tivemos o compêndio da nossa bagagem audiovisual homenageada na edição do Festival Super 8 e enxergamos o figurino como personagem vivo. Em uma exposição coletiva (com curadoria da Malu Meyer), apresentamos *vidavideogame*: o figurino pintado ao vivo na abertura da exposição, corpo e tecido fundidos a pincéis e mãos com tinta.

Na imagem do Rafo Niga, estão Ricardo Martins, Rafael Codognoto, Luciano Zaina, Cassiano Robert, Giuliano Robert e César Munhoz no fim da performance. *vidavideogame* seguiu em turnê e foi realizada também no MAC-PR (dessa vez com curadoria do João Henrique do Amaral), como mostra a foto 2, de autoria de Thifany F., na qual a atriz Katia Horn foi pintada pelo Alexandre Linhares.

Em 2012 (ou 2013), a Lely tocou a campanha da loja, adiantada para a entrevista de estágio na agência perpendicular à H-AL, e nesse encontro enxergamos nela o rosto para o próximo trabalho, e o primeiro a ser apresentado na Bienal de Curitiba, que falava sobre agricultura familiar e alimento geneticamente modificado. Sua imagem ficou pra sempre eternizada na foto 3, de autoria do Alexandre Linhares, com a modelo envolta num pano de prato preto e com 2 corvos bordados à barbante, de dimensões de 2,5 x 1 m no total.

A foto 4 é da mesma série do trabalho cujos temas eram agricultura familiar e alimento geneticamente modificado, também clicada pelo Alexandre (dessa vez, na Fábrica de Gesso Santa Tereza, localizada no mesmo raio geográfico da loja H-AL, microcosmo onde tudo acontecia). Nessa foto, temos um vestido feito com retalhos de cetim e pintado de branco, camuflado, à imagem da fábrica que um dia pertenceu ao João Turin, no bairro do Mercês, em Curitiba.

Na foto 5, Maite Schneider é fotografada pelo Alexandre na Praça 29 de Março, distante uma quadra da H-AL, com o vestido *espírito*, bordado com amostras de seda sobre filó, para a exposição *Estados d’Espírito*, representando o Paraná a convite da jornalista Adélia Maria Lopes. Maite foi a estrela da primeira coleção grande e importante da H-AL e é uma das embaixadoras do nosso trabalho. Somos amigos desde 2004, desde sempre sonhamos juntos e sempre acreditamos no sonho um@d@outr@.

Quando apresentamos *círculo* no Café do Top, no Shopping Mueller, em uma das noites, fomos com a Maite fazer a monitoria pessoal e conhecemos sua amiga Natalia Rivelini. Oito anos depois, nós nos reencontramos com a Natalia em uma filmagem da GNT sobre a Maite, na casa da dra. Letícia Lanz. Nessa época, buscávamos o rosto para a coleção de dez anos, *poesia desilusória*. Retomamos o contato e conversamos com ela a noite inteira: Alexandre olhou para Thifany e sorriu. Thifany afirmou veementemente com a cabeça. Estava eleita a estrela da coleção comemorativa: Natalia Rivelini registrada pela lente de Marcel Fernandes (foto 6), usando o vestido das *Rosas do Lupi* que, na coleção *poesia desilusória*, faz alusão ao primeiro figurino que fizemos para Elza Soares, usado no espetáculo *Elza canta e chora Lupi*.

O vestido também foi desfilado por um modelo homem, como aparece na foto 7, de Victor Augusto. No canto direito da mesma foto, aparece um detalhe de outro figurino apresentado no mesmo desfile: A Santa Chorando Sangue foi idealizada para a cantora Sinéad O’Connor, para a sua apresentação no Rock in Rio de 2015. Estávamos negociando com a equipe no Brasil quando a cantora cancelou sua apresentação por problemas familiares. A fila final desse desfile entrou ao som de *Queen of Denmark*, na voz da cantora irlandesa, como um tributo a esse figurino não vestido. *poesia desilusória* foi como um livro de poesias, ora com poemas escritos (como na foto 8, com Natalia Rivelini clicada pelo Marcel Fernandes, e o poema de Carlos Careqa – “Como diz minha mestra, eu costuro mesmo é pra dentro” musicado por Juliana Cortes, a quem também homenageamos no desfile e a vestimos para seu show de disco de estreia, com um longo preto de costas de fora), ora com ilustrações, como a imagem do alecrim bordado figurando ilustração botânica, à direita na foto 9, foto esta com autoria do Victor Augusto, no camarim do desfile.

Na mesma imagem estão representadas três das cinco Bandeiras de Oração Tibetanas, também ilustradas no desfile. Da esquerda para a direita: a sabedoria da cor vermelha, referência ao buda Amitabha, é a manifestação de Avalokteshvara, o Bodisatva da Compaixão (tem seu renascimento em Tenzin Giatso, o XIV Dalai Lama). Essa sabedoria fala sobre a compreensão da impermanência, por isso da frase “Todas as coisas passarão, todas” bordada no vestido. Ao lado, o vestido amarelo com a representação do Buda Ratnasambhava que lembra da sabedoria da igualdade, generosidade, e nele está bordado “Fico feliz por você”. Ao lado do amarelo, o vestido azul traduz a representação do Buda Akshobhya com a sabedoria do espelho, que só vemos no outro aquilo que temos como conteúdo interno. Por isso da frase bordada “após 1 segundo de silêncio, disparou: em seu lugar eu faria o mesmo”. Todas essas peças foram feitas com retalhos de seda oriundos do ateliê de Harriete Scarpi, de Curitiba, bem como o próximo vestido na mesma foto, que homenageia o Grupo Fato no poema de autoria de Ulisses Galetto, “na palavra bem-dita a menina dos olhos da menina imita a guia do luar”.

Cronologicamente, depois de *poesia desilusória*, apresentamos *despida de palavras*, na Galeria Teix (foto 10, de Cintya Hein). Lá, bordamos palavras e desenhos sobre mostruários de estofados e cobrimos uma das paredes do espaço. As frases vieram de uma postagem do Facebook na qual pedimos que os seguidores nos enviassem uma palavra escrita. As imagens desdobram-se como um caderno de anotações desfolhado, coladas na parede. Essa exposição nos rendeu o convite para expor e fazer uma performance na edição seguinte da Bienal de Curitiba, em 2018.

Com o mesmo conceito de *despida de palavras*, fizemos o figurino para *o Fato*, com retalhos de vestidos de noiva e com a letra da música *Veza por outra*, de autoria do Benito Rodrigues, dividida e bordada sobre as vestes (foto 11, de Thifany F.). Essa técnica de bordar palavras com tubinhos de tecido deriva do experimento que fizemos sobre o vestido desfilado pela Ieda Godoy no nosso  *muitas cáries numa Boca Maldita*, de 2015, quando riscamos o vestido com tubinhos, como se fosse uma pintura anárquica com giz de cera sobre uma parede (foto 12, de Marcel Fernandes).

Esse desfile teve financiamento coletivo por meio da plataforma Catarse e foi apresentado no palco do Teatro Guaíra, em Curitiba. Além de Ieda, outro rosto dessa coleção é Marco Aurélio (foto 13, de Alexandre Linhares), que conhecemos na rua, bebendo um chopp.

*O Vestido da Ieda*, por sua vez, foi inspirado em outro de *esculturas de vazío*, de 2013 (foto 14, Laura Mór em foto de Alexandre Linhares), fotografado com câmera analógica descartável no Passeio Público em Curitiba, e dele desenrolou-se o traje desfilado pelo Giuliano Robert (foto 15, de Isa Glock), em 2016, *o rei está nu*, apresentado na Casa Hoffmann, em Curitiba, dentro do Moda Documenta daquele ano.

Nesta foto 15, o modelo é Gustavo Janz. Já na foto 16, de André Sanches, capa do catálogo de *o rei está nu*, Giuliano está ao lado de Kátia Horn. Nós mantínhamos esse trabalho *na manga* para apresentar quando surgisse uma oportunidade de um desfile realmente conceitual (da coleção inspirada no conto *A roupa nova do imperador*, de Andersen). Todo o desfile foi narrado no escuro e cada convidado presente imaginou uma coleção diferente na sua cabeça. Os modelos (todos amigos e clientes da H-AL) entraram apenas na fila final.

Nós dois já emprestamos nossos corpos como imagem e objeto para realização dos trabalhos, como modelos, performers ou parte integrante da obra. Não sabemos nomear ou diferenciar quando a ação se desloca da costura, pois, mesmo quando costuramos ou desenhamos, o nosso corpo também é fundamental para realização dessas atividades. Aqui, o corpo se coloca como agente, longe da forma habitual da realização. Em 2010, o Alexandre se colocou vestido de noiva por 12 horas no cruzamento das avenidas Visconde de Guaruapuava e Alferes Poli, no centro de Curitiba, entregue a toda sorte que a situação proporcionara, para, a partir da experiência, pensar na próxima coleção que trataria a instituição do casamento pelo foco da mulher. A coleção contempla três modelos: uma moça, representada pela Thifany, uma mulher vivida pela Jô Marçal e uma senhora, a Dona Cila, com 87 anos. A primeira com o amor ainda idealizado. A segunda, como protagonista de si mesma frente à/ ao parceirx, e a terceira olhando para trás e percebendo o que deixou de viver. A performance foi registrada por 13 artistas, cada um à sua maneira, com desenhos, texto, voz, mosaico, filme. A foto 17 é um registro de Rafael Schultz.

Outro trabalho que começou com performance foi *industrialização*, de 2013, primeiro tra idealizado e assinado pelo Alexandre e pela Thifany como dupla. Eternizado na foto 18, revela Alexandre bordando à mão, com a imagem de máquinas de bordado (finalizando trabalhos em segundos) projetadas na parede atrás dele. A Thifany foi lhe envolvendo com fitas de cetim até que não fosse mais possível bordar.

Em 2012, no desfile *camisa-de-força*, Alexandre precisava, no fim da apresentação, entrar nu e amarrar o conceito da coleção, mas a produção do desfile vetou a ideia. Então, na camiseta que ele vestia, havia a sua imagem sem roupa, com foto feita pela Gio Soifer. Esse ponto da história da marca está registrado na foto 19, de Jeff Hala.

Thifany foi modelo e musa da exposição *Êxodo botânico*, emprestando seu corpo como estrutura, para dar vida às peças. Na foto 20 (de Alexandre Linhares, 2014), Thifany posa com o vestido que abriria o leque de histórias sobre o vestido *Rosas do Lupi* e também do vestido de rosas de *poesia desilusória*, pois foi essa criação que Elza Soares contemplou e, a partir dessa ideia original, ela encomendaria aquele que seria o vestido mais importante da história da H-AL até hoje (foto 21).

Na foto 22 (Gio Soifer, 2011), Livia Deschermayer personifica a proposta de *sem título, 01 ou autocura*, que mesmo antes do termo autoral ser aceito como moda feita com assinatura e traços do autor, a H-AL fazia um paralelo com o tratamento realizado sem base medicamentosa, a cura como processo interno, dialogando com a produção a partir da bagagem cultural interna de seus criadores. O catálogo foi fotografado no ateliê de Guita Soifer, em Curitiba.

Com fotos mais uma vez assinadas pela Gio Soifer, e com Livia como estrela, *à margem e à sombra* (foto 23, 2011) elucida sobre uma sociedade à margem da cultura vigente e à sombra da indústria normatizadora, pessoas que vivem à margem da linha do trem e à sombra dos edifícios daquela região, com seus muros altos e entradas monitoradas. Assim nós nos sentíamos como empresa, à margem do dito comercial e à sombra da produção de moda como vinha sendo feita em 2011.

Em 2014, durante o curso de especialização em Ecodesign, na Escola Design ao Vivo, documentamos e precificamos o material recuperado quando usamos tecidos de resíduos. Esse estudo foi o trabalho de conclusão do curso e o tecido utilizado era o rejeito de uma empresa de moda praia. O pensamento estendido da bagagem conceitual que fundamentava o projeto deu origem à coleção *todas as árvores são lindas*, de 2014 (foto 24), com Stefane Barbosa, nossa costureira na época, clicada pelo Alexandre Linhares na loja H-AL.

As fotos 25 e 26, clicadas pelo Roberto Pitella em 2014, fazem parte de *Sarah veste Heroína*, um livro de artista que nasceu quando o fotógrafo viu uma foto da Sarah. Ela foi à loja, comprou uma blusa de algodão finíssimo e nós postamos a foto dela no Facebook com a frase que dá título ao livro. O Pitella viu nela a poesia pronta e nos convidou para materializar o livro. Ali, demos início a uma história dividida em dez capítulos e esse é o final, quando a personagem chega em um cenário pós-apocalíptico e, de frente para si mesma, destrói seu ego. Seria o fim da identidade. Magicamente, depois desse trabalho, deixamos de usar o nome *Heroína*, mas essa é outra história. As fotos foram feitas no Hotel Eduardo VII, fechado, na praça Tiradentes, em Curitiba.

Mais uma coleção com capítulos. Em 2012, apresentamos *última sessão* na última edição do Paraná Business Collection, em seu formato original, sobre o fim dos cinemas de rua, como pano de fundo para falar do descaso com a cultura local. O desfile foi narrado contando a história do Cine Ritz paralelamente aos acontecimentos de nossas vidas.

Em 2019, o Cine Ritz reabriu junto do complexo Cine Passeio, e nós escolhemos a data de aniversário do fechamento do Ritz original para apresentar *Sessão Extra*, uma atualização da história apresentada em 2012, uma continuação, uma sessão extra. Na foto 27, do Neni Glock, Amanda Kanasiro e Marina Zureck, nos dois extremos, usam vestidos de retalhos de renda, rebordados com costuras de fio de pesponto. No meio está Silvia Patzsch com vestido de tule com aplicação de retalhos de malha verde e Kátia Horn com vestido feito com retalhos de plisses de tule.

Na foto 28 (também do Neni Glock), está Andreia Lais Cantelli. A estrela de *Sessão Extra* apresenta uma frase do desfile de 2012 – “Hoje eu sou 3D e meu coração é Technicolor” – no desfile que aconteceu no Terraço do Cine Passeio, em frente à tela do cinema. Andreia é travesti, professora de História da rede estadual de ensino do Paraná e pesquisadora de Gênero e Sexualidade na Educação. Nós nos conhecemos na casa da Maite e *Sessão Extra* fala de história, resgates e amor.

Por último, a foto 29 é do catálogo *Heroínas Aladas, 2ª Ato*, de 2009, e tem a Thifany como modelo em foto do Alexandre. A ideia inicial era que essa coleção fosse clicada em um heliponto, mas como não conseguimos a autorização, usamos a sala da nossa casa. Alexandre subiu no heliponto de um prédio vizinho e fotografou o espaço com o celular. Com uma atmosfera pop, e jamais com a intenção de enganar o espectador, reforçamos a artificialidade com uma sombra de águia, ressaltando apenas o voo da protagonista.

Ah, é por isso que evitamos trabalhar com modelos profissionais e optamos pelas pessoas que amamos. Precisamos ter um contato muito íntimo com seus corpos, precisamos fundir nossas almas e acreditar nas mesmas ideias para que o trabalho aconteça.

Com cordial cumprimento de amantes da moda,  
gratos pelo trabalho e dedicação  
(e por acreditar e tornar o nosso sonho possível),

Alexandre Linhares e Thifany F.,  
aka H-AL